

Resumo de notícias econômicas

18 de Outubro de 2021 (segunda-feira)

Ano 3 n. 196

Núcleo de Inteligência da Sedet



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TRABALHO

PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 18 OUTUBRO DE 2021

Antes motor para o PIB, cenário externo agora puxa projeções para baixo (18/10/2021)

Broadcast

Desde que a economia brasileira ensaiou uma recuperação, em meados do ano passado, a conjuntura global ajudava o País. Isso durou pelo menos até a primeira metade do ano. Nas últimas semanas, porém, ao revisar para baixo as projeções de crescimento econômico do Brasil em 2022, economistas de bancos como Itaú, Bradesco e Jpmorgan citaram o cenário externo menos favorável entre os motivos para esperar um desempenho pior.

Segundo economistas, há dois riscos. Um é a elevação de juros em vários países, com a retirada de estímulos monetários para mitigar a crise da covid-19 e a necessidade de combater uma inflação espalhada por todo o planeta, de forma inédita. O segundo é uma eventual desaceleração mais acentuada do crescimento econômico da China, por causa dos problemas financeiros da incorporadora imobiliária Evergrande. As turbulências do exterior afetam a economia nacional por dois canais. Um é o comércio exterior, com a menor demanda por matérias-primas como soja, minério de ferro, carnes ou celulose. O outro é o setor financeiro, um canal indireto.

Como as exportações não impulsionam toda a economia brasileira, o canal financeiro “é fundamental”, e até mais importante que o comércio exterior, de acordo com José Júlio Senna, chefe do IBRE/FGV. Do início do ano para agora, mudaram as expectativas de que uma alta generalizada de juros poderia demorar, disse Senna. Os juros dos títulos públicos americanos já começaram a subir nas últimas semanas e, “agora, todos estão esperando que os bancos centrais vão antecipar o ajuste de juros (para cima)”. “É exatamente disso de que nós não precisamos. Já temos problemas internos demais”, disse o pesquisador da FGV, ex-diretor do Banco Central (BC).

Ao revisar sua projeção de crescimento econômico de 2022 no Brasil para 1,6% – antes era 1,8% – em relatório divulgado recentemente, o Bradesco destacou o cenário externo, com a China em primeiro plano. O banco estimou o preço “justo” do minério de ferro em US\$ 120 por tonelada, o que tira “bilhões de dólares da pauta de exportações” do Brasil, disse Fabiana D’atri, coordenadora do Departamento de Pesquisa e Estudos Econômicos do Bradesco. “Para o Brasil, a China ainda é o mais importante quando olhamos para a demanda externa. É o principal destino das exportações brasileiras”, disse a economista-chefe do Jpmorgan para o Brasil, Cassiana Fernandez, no mês passado, ao comentar a revisão de projeções do banco de investimentos, que agora estima avanço de apenas 0,9% no Brasil em 2022.

Economistas especializados na China descartam uma crise sistêmica no setor imobiliário local, mas destacam que a desaceleração do gigante asiático é um movimento estrutural.

Falta de fertilizante pode elevar inflação em 2022 (18/10/2021)

O Estado de S. Paulo

O produtor Emilio Kenji Okamura, de Capão Bonito, município do sudoeste de São Paulo, já comprou o fertilizante que usará para o plantio do milho em fevereiro. “Como está se falando muito em possível falta, decidi antecipar, mas paguei caro”. Para muitos produtores, a crise na oferta dos fertilizantes para a segunda safra de milho, a “safrinha”, a ser semeada entre janeiro e março no Centrosul do País, já é real. O impacto não ficará restrito ao campo: deve bater no prato do brasileiro e na inflação.

O presidente Bolsonaro previu desabastecimento de alimentos em 2022 por causa da falta de fertilizantes. Em vez de desabastecimento, especialistas acreditam que o impacto tende a ser na forma de inflação. A grande prejudicada, a segunda safra de milho, chamada de safrinha, na prática é uma “safrona”. Das 118 milhões de toneladas de milho esperadas para o ano 2022, a safrinha deve responder por 75%. Como o milho é base da alimentação de suínos e aves, qualquer quebra na oferta resulta em alta de preços do grão e dessas carnes. O problema é que o Brasil depende das importações de insumos, como fosfato, cloreto de potássio e ureia, por exemplo. De janeiro a julho, dos

23,8 milhões de toneladas de fertilizantes entregues aos agricultores, 20 milhões de toneladas foram de produtos importados e 3,8 milhões de toneladas produzidas nacionalmente, segundo a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda).

E o cenário internacional de suprimentos é desfavorável. Com a retomada das economias, as compras de fertilizantes aumentaram, puxadas pela alta das commodities agrícolas (matérias-primas cotadas em dólar). Somado a isso, há restrições na oferta dos insumos. Em comunicado, o diretor executivo da Anda, Ricardo Tortorella, explica que o potássio, por exemplo, sofre as incertezas do fornecimento pela Belarus, em razão de sanções aplicadas pela União Europeia, pela Suíça, pelos Estados Unidos, pelo Canadá e pela Inglaterra àquele país que responde por 20% da oferta, enquanto, no fósforo, os gargalos estão nos atrasos no embarque em portos de alguns tradicionais produtores.

Técnicos rejeitam mudança de tarifa para conta de luz (18/10/2021)

O Estado de S. Paulo

Técnicos do governo vão tentar convencer o presidente Jair Bolsonaro a desistir da ideia de retirar a bandeira de escassez hídrica das contas de luz. Apesar das chuvas registradas no Sul e Sudeste nas últimas duas semanas, os reservatórios das hidrelétricas ainda estão muito distantes de se recuperar e o acionamento de termoelétricas continua a todo o vapor, bem como a importação de energia de países vizinhos. Essa geração mais cara não será descartada neste momento e precisa ser paga, o que explica o aumento mais recente nas contas de luz.

Desde 1.º de setembro, em razão da crise hídrica, os consumidores pagam um adicional de R\$ 14,20 a cada 100 quilowattshora consumidos (kwh), um valor que pesa no bolso dos brasileiros – já pressionados por aumentos no gás de cozinha, gasolina e alimentos. Foi justamente essa taxa que se tornou o novo alvo do presidente Jair Bolsonaro, que disse ontem que vai determinar ao ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, que dê fim à bandeira. “Dói a gente autorizar o ministro Bento a decretar bandeira vermelha, dói no coração, sabemos as dificuldades da energia elétrica. Vou pedir para ele... Pedir, não, determinar a ele que volte à bandeira normal a partir do mês

que vem”. O ministro e à sua equipe tentará explicar ao presidente que essa promessa não teria condições de ser cumprida, nem técnica, nem financeiramente. No anúncio da nova bandeira, o próprio ministro já havia deixado claro que ela iria vigorar por oito meses, entre setembro deste ano e abril de 2022. Esse seria o tempo mínimo necessário para arrecadar os recursos necessários para pagar pela geração mais cara, mas o valor da bandeira tem sido insuficiente para fazer frente a isso. Técnicos da Aneel haviam calculado que a bandeira deveria subir para quase R\$ 25 por 100 kwh, mas o valor teria ficado menor devido a apelos do ministro Paulo Guedes, e do presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, preocupados com o impacto da decisão sobre a inflação.

Se a situação no início de setembro já era difícil, piorou em outubro, como mostram indicadores do setor elétrico, em um cenário muito diferente do descrito pelo presidente. Isso porque a segurança do abastecimento tem sido garantida por meio de termoelétricas ainda mais caras do que o inicialmente projetado.

Nas últimas semanas, o governo autorizou o acionamento de termoelétricas com custo de mais de R\$ 2 mil por megawatthora (MWH). O aumento dos preços globais de gás é uma das causas desse custo. Na conta de luz, por outro lado, o consumidor ainda paga um custo médio pela energia de R\$ 250 por MWH. A diferença entre o custo real e o embutido nas tarifas tem sido parcialmente coberto justamente pelas bandeiras. Outra despesa fora da conta é a da importação de energia do Uruguai e da Argentina, que têm consumido mais de R\$ 1 bilhão por mês, também pagos pelas bandeiras.

Alta de custos pode retardar recuperação de aéreas na Bolsa (18/10/2021)

O Estado de S. Paulo

As festas de fim de ano e o aumento dos índices de vacinação contra covid-19 na população, associados à demanda reprimida, apontam para um cenário mais otimista para as empresas ligadas ao setor de turismo nos próximos meses. Após serem duramente golpeadas pela pandemia de covid-19, em razão das restrições de mobilidade, as companhias estão vendo os clientes voltarem, e as aéreas, por exemplo, já registram vendas próximas ao período anterior à crise sanitária.

Entretanto, na opinião de analistas, alguns fatores irão limitar essa recuperação. O principal é o aumento dos preços do querosene de aviação, que tem um peso relevante nos custos das empresas, reduzindo as margens. O analista Vitor Suzaki, do Banco Daycoval, ressalta que o baixo poder de compra do consumidor, causado pelas altas taxas de desemprego, e o endividamento das famílias não dão espaço para que aumentos de preços das passagens sejam absorvidos, inibindo, portanto, a retomada.

Adicionalmente, há a valorização do dólar em relação ao real, que desestimula viagens para o exterior. Para o especialista de mercado da Guide Investimentos, Rodrigo Crespi, nesse contexto, as empresas de turismo, mais especificamente as agências de viagem, têm expectativas mais positivas, especialmente para o fim do ano, pela menor dependência do câmbio e porque podem recorrer a destinos nacionais que, muitas vezes, dispensam a necessidade de avião.

A Santander Corretora também tem uma visão mais otimista para as agências de viagens em detrimento das companhias aéreas, com relação ao potencial de valorização das ações. Essas últimas, mais especificamente Gol e Azul, segundo Ricardo Peretti, parecem estar precificadas em patamares próximos aos níveis atuais de preço, ou seja, com menos desconto, contrariamente à CVC, que está abaixo do nível histórico.

Rodrigo Crespi, da Guide, diz ainda que o setor de aviação nacional pode ter um impulso maior se houver liberação de voos provenientes do Brasil por um maior número de países e a aceitação das vacinas aplicadas no País.

Expectativa de alta para Ibovespa ganha fôlego (18/10/2021)

Broadcast

A percepção do mercado financeiro sobre o desempenho das ações no curtíssimo prazo mostra melhora no Termômetro Broadcast Bolsa, que tem por objetivo captar o sentimento de operadores, analistas e gestores para o comportamento do Ibovespa na semana seguinte.

Entre os participantes, a expectativa de alta na próxima semana atingiu 75,00%, consolidando-se como amplamente majoritária, enquanto 8,33% veem queda. Os que acreditam em estabilidade são 16,67%. Na pesquisa anterior, 66,67% estimavam ganhos

para a Bolsa nesta semana; 8,33%, queda; e 25,00%, variação neutra. O índice teve valorização acumulada de 1,6% na semana. O período entre 18 e 22 de outubro tem agenda importante de indicadores de atividade no exterior, mas no Brasil o calendário é fraco. Serão divulgados dados da produção industrial nos Estados Unidos, o PIB da China e inflação na zona do euro. Na quarta-feira sai o Livro Bege do Federal Reserve, sumário das condições econômicas que embasa as decisões de política monetária.

Aqui, há expectativa sobre a divulgação da arrecadação de setembro, enquanto a nota do setor externo tem publicação marcada para sexta-feira (22). "A conta corrente se estabilizou e as entradas líquidas de capital continuam em busca de renda fixa", afirma o Banco Fator, em relatório. O economista-chefe do Banco Haitong, Marcos Ross, chama a atenção para possíveis desdobramentos do cenário político, diante da expectativa de votação da PEC dos precatórios na semana que vem. "Permanecem no foco e podem pesar sobre o preço dos ativos". A temporada de balanços do terceiro trimestre começa na próxima semana, com resultados da Hypera na sexta-feira.

Inflação pesa 20% a mais para pobres (18/10/2021)

O Estado de S. Paulo

A alta no custo da energia elétrica, do gás de botijão e dos alimentos fez a inflação dos brasileiros mais pobres fechar setembro 20% acima da dos mais ricos, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Na passagem de agosto para setembro, o Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda registrou o maior aumento entre famílias com renda inferior a R\$ 1.808,79 mensais.

A variação nesta faixa passou de alta de 0,91%, em agosto, para elevação de 1,30% em setembro. Entre as famílias de renda mais alta (mais de R\$ 17.764,49 mensais), a inflação saiu de 0,78% em agosto para 1,09% em setembro, enquanto, para os de renda média alta (entre R\$ 8.956,26 e R\$ 17.764,49), a inflação subiu de 0,85% para 1,04% no período. O IPCA, apurado pelo IBGE e usado pelo Ipea para o cálculo da inflação por faixa de renda, fechou setembro com alta de 1,16%, ante uma elevação de 0,87% em agosto. Os dados do Ipea apontam os gastos com habitação como de maior

contribuição para a inflação entre os três segmentos de renda familiar mais baixa. Para as três faixas de renda mais alta, o custo do transporte foi o que teve maior impacto.

“No caso das famílias de renda mais baixa, os reajustes de 6,5% das tarifas de energia elétrica, de 3,9% do gás de botijão e de 1,1% dos artigos de limpeza foram os principais responsáveis pela alta do grupo habitação, cujo impacto de 0,65 ponto porcentual responde por metade da inflação apontada, em setembro, nesse segmento. Ainda que em menor intensidade, o aumento dos alimentos, especialmente de frutas (5,4%), aves e ovos (4,0%) e leites e derivados (1,6%), ajuda a completar esse quadro de alta nas faixas de renda mais baixa”, diz a técnica Maria Andreia Parente Lameiras, na Carta de Conjuntura do Ipea divulgada ontem.

A inflação acumulada em 12 meses até setembro foi de 10,98% para as famílias mais pobres, mais de 20% superior à taxa de 8,91% observada no segmento mais rico da população. “No caso das famílias de baixa renda, além dos aumentos nos preços dos alimentos – carnes (24,9%), aves e ovos (26,3%) e leite e derivados (9,0%) –, os reajustes de 28,8% da energia e de 34,7% do gás de botijão explicam grande parte da alta inflacionária em doze meses. Para as famílias de renda mais elevada, a inflação no período reflete, sobretudo, as variações de 42,0% dos combustíveis, de 56,8% das passagens aéreas, de 14,1% dos transportes por aplicativo e de 12,1% dos aparelhos eletroeletrônicos”, observou Maria Andreia no estudo.

O indicador do Ipea separa por seis faixas de renda familiar as variações de preços medidas pelo IPCA. A menor faixa tem renda familiar de até R\$ 1.808,79 por mês; a mais alta apresenta ganhos mensais acima de R\$ 17.764,49.

Ao vender lojas do Extra, GPA ganha fôlego para investir (18/10/2021)

Broadcast

O Grupo Pão de Açúcar (GPA) deve receber R\$ 5,2 bilhões pela venda de 71 lojas do Extra Hiper ao Assaí. Ao acabar com essa bandeira, o grupo ainda tira de suas contas o prejuízo que ela trazia para o balanço. No entanto, mesmo com dinheiro no caixa e negócios mais rentáveis na carteira, o GPA tem um desafio: ganhar escala nacional. Para

isso, a empresa diz que vai sair da posição defensiva na qual jogava havia muito tempo e passar a atacar em abertura de novas lojas e, eventualmente, em aquisições de redes regionais. Especialistas em varejo dizem que, ao estancar as perdas que os hipermercados traziam, o GPA se torna mais leve. Das 32 lojas restantes do Extra Hiper, que não foram vendidas ao Assaí, 14 serão convertidas em supermercados Pão de Açúcar e 14 em mercados Extra. Já as outras 4 serão vendidas nos próximos meses.

No caso dos pontos a ser convertidos para Pão de Açúcar, o presidente do GPA, Jorge Faíçal, diz que a receita vinda de alimentos deve ser mantida no patamar, mas que a geração de caixa dessas operações deve subir de 3 a 4 pontos percentuais. Isso porque os supermercados Pão de Açúcar têm margem de lucro bem maior.

Mesmo com todos os esforços para recuperar a bandeira Extra Hiper, a operação ainda não tinha voltado a ser lucrativa. Também não haverá mais as drogarias da marca, que tinham efeito marginal na receita do grupo. “Um GPA sem Extra Hiper se torna muito mais lucrativo”, diz Alberto Serrentino, fundador da consultoria Varese Retail e especialista em varejo. “Muito menor na escala, mas mais rentável.”

Porém, é inegável que, mais uma vez, o GPA diminui de tamanho. Na cisão com o Assaí, o GPA perdeu seu maior motor de crescimento. Agora, perde, ao menos, R\$ 8,7 bilhões de faturamento por ano, consideradas apenas as lojas vendidas. Em 2020, o conglomerado faturou R\$ 55,7 bilhões. Além da escala, o grupo controlado pelo francês Casino perde participação de mercado e parte do poder negociação com a indústria.

Segundo Serrentino, o grupo tomou a decisão estratégica de se capitalizar para investir na expansão do Pão de Açúcar, um negócio com demanda mais estável e modelo econômico sustentável, além de marca forte. Ele define a companhia resultante como “uma rede de proximidade e supermercados premium, com possibilidade de fazer aquisições regionais e nacionalizar a marca”.

De fato, a expansão territorial agora deve ser intensa. A proposta é que, com conversões e expansão, o Pão de Açúcar tenha 100 novas lojas nos próximos três anos. A mesma meta está prevista para a bandeira Minuto. “A empresa sai da defensiva de território e parte para o ataque em seus pontos fortes”, diz Faíçal.

Brasileiros miram investimento externo (18/10/2021)

Broadcast

O dinheiro dos brasileiros está migrando cada vez mais para o exterior. Antes, o investimento além das fronteiras se resumia a compras de moeda, de ações listadas fora do País ou de uma casa em Miami, mas esse portfólio se sofisticou. Entre os fatores que pesam nesse movimento estão a trajetória de queda dos juros (interrompida neste ano) e a recente instabilidade política. Segundo o Banco Central, o total de investimentos financeiros fora do País somou US\$ 61,6 bilhões em agosto, um aumento de 44% em relação ao fim de 2020. Nem o dólar valorizado esfriou essa procura por segurança.

“Investir no exterior deixou, há muito tempo, de ser uma proteção cambial. É uma diversificação”, diz o responsável pela área de gestão de fortunas do BTG Pactual, Rogério Pessoa. Segundo ele, apesar de o mercado brasileiro estar a cada dia mais sofisticado, os EUA oferecem um leque de produtos muito maior. Hoje, o banco recomenda aos clientes muito ricos – com mais de R\$ 10 milhões para investir – uma alocação de 30% no exterior. A média para esse público está entre 15% e 20%.

Embora momentos turbulentos, como o da crise política, incentivem as pessoas a olhar para fora, o executivo do BTG diz que investimento sempre requer calma. “O importante, no fim do dia, é ter um portfólio balanceado.”

O Itaú Unibanco tem hoje cerca de 27% do patrimônio de seus clientes aplicados fora do Brasil. O diretor do Itaú Private Bank, Felipe Nabuco, diz que esse porcentual vem subindo por razões óbvias. “Nos últimos dez anos, o mercado internacional teve um desempenho bem melhor do que o daqui.”

A Avenue, corretora americana de ex-sócios da XP, bateu recorde de novas contas e hoje tem 350 mil clientes. “Hoje, o pequeno investidor pode ter acesso às mesmas opções da alta renda”, explica o sócio Alexandre Artmann.

Disputa por ‘super-ricos’ acirra rivalidade entre bancos e plataformas (18/10/2021)

O Estado de S. Paulo

Quem investe há mais tempo no Brasil sempre esteve acostumado a ganhar na renda fixa – cortesia dos altos juros. No entanto, com a taxa real perto de zero, em razão da escalada da inflação, mais investidores muito ricos, com mais de R\$ 5 milhões em reservas, passam a buscar conselhos de gestores especializados para aplicar seu dinheiro. Excluindo os recursos alocados fora do Brasil, esses brasileiros têm nas mãos um total de R\$ 1,8 trilhão em investimentos – volume que cresceu 9% em um ano, segundo a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (Anbima). Com esses milionários buscando gestores e investimentos alternativos para garantir mais rentabilidade à carteira, as plataformas de investimento começaram a fortalecer sua estrutura de private banking.

Além disso, houve um “boom” de casas independentes surgindo no mercado, o que gerou uma “dança das cadeiras” de executivos no setor. A corrida das instituições financeiras tem como objetivo não perder o “filé” da alta renda. Apesar de a briga nesse mercado ter se acirrado, com plataformas querendo morder um pedaço cada vez maior, o Itaú Unibanco ainda consegue manter uma participação de 30%, com recursos administrados muito próximos da marca de R\$ 700 bilhões.

No acumulado do ano até agosto, o crescimento foi de 14,5% em relação ao total administrado em dezembro de 2020, frisa o diretor do Itaú Private Bank, Felipe Nabuco. Para se proteger da concorrência – que inclui gigantes como a XP e o BTG, mas também casas especializadas –, o Itaú Private tem buscado diversificar sua oferta, segundo Nabuco. O executivo afirma que, até setembro de 2021, o banco já ampliou suas opções de investimentos em ritmo superior ao visto em 2019, ano em que teve recorde de lançamentos.

No BTG Pactual, segundo o sócio do banco Rogério Pessoa, o valor sob custódia da área de atendimento privado dobrou em 12 meses, atingindo R\$ 380 bilhões ao fim de junho. A meta do banco é chegar a R\$ 400 bilhões até dezembro e bater os R\$ 600 bilhões em 2022. Além do crescimento do mercado, Pessoa diz que parte do avanço é

oriundo do movimento de aquisições que vem sendo realizado pelo BTG. “O cliente deixou de aplicar apenas em renda fixa e passou a tomar risco. Com isso, passou a demandar um aconselhamento mais profundo para as oportunidades”, afirma Pessoa.

A prova de que esse mercado está crescendo está no fato de que mais executivos estão optando em abrir seus próprios multi family offices, como são chamadas as gestoras especializadas em gerenciar o patrimônio familiar dos clãs endinheirados.

Atenta a isso, a XP lançou um serviço de wealth services para esses escritórios no ano passado, fornecendo a plataforma para que os gestores de fortunas possam gerenciar o dinheiro das famílias que atendem. Hoje, já são dez family offices conectados à plataforma da XP, conta o responsável pela XP Wealth Services, Rogério Carvalho. “Esse mercado está muito aquecido, e há muitas conversas com banqueiros querendo entender melhor e montando um plano de negócios para atender os clientes”, comenta. A XP, que começou com R\$ 10 bilhões em recursos sob custódia neste ano, já atingiu R\$ 40 bilhões. A meta, segundo Carvalho, é alcançar R\$ 100 bilhões em 2022.

Quem está interessado em investir no exterior – seja com a ajuda de gestores, seja apenas abrindo uma conta em uma corretora – precisa estar atento à tributação, que muitas vezes costuma ser mais intensa do que por aqui. Diante do aumento de 44% na procura por investimentos financeiros internacionais no acumulado deste ano, Luis Felipe de Campos, sócio do escritório Rolim, Viotti, Goulart, Cardoso Advogados, lembra que cada tipo de investimento realizado é tributado de uma maneira específica.

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.

Assessoria de Comunicação – Sedet

Fone: (85) 3444.2900

www.sedet.ce.gov.br

INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

Atualizado no dia 26.08.2021

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	1,45	2,67	-3,56	5,77
Brasil	1,78	1,41	-4,06	4,85

VALOR CORRENTE DO PRODUTO INTERNO BRUTO ANUAL (PIB) (R\$ MILHÕES) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	155.903,82	166.959,80	168.285,73	188.355,17
Brasil	7.004.141,00	7.407.023,57	7.447.858,25	8.263.567,80

PARTICIPAÇÕES PIB ANUAL (%) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
PIB_CE/PIB_BR	2,23	2,25	2,26	2,28
Participações População (%)	4,35	4,35	4,34	4,33

Fonte: IBGE e IPECE. Atualizado em 17/06/2021.

Notas: (*) Valores estimados, sujeitos a revisão; (**) Valores projetados, sujeitos a revisão;

CONTAS EXTERNAS DO CEARÁ (US\$ MILHÕES) (JAN-JUL)				
	2018	2019	2020	2021
Exportações	1.025,65	1.130,41	951,02	1.406,49
Importações	1.305,02	1.097,79	1.206,18	1.742,31
Saldo Comercial	-279,37	32,62	-255,16	-335,82

Fonte: MDIC.

ESTOQUE DO VOLUME DE CRÉDITO				
	2018	2019	2020	2021 (Até junho)
Brasil (R\$ Tri)	-	3,48	4,02	4,21
Ceará (R\$ Bi)	71,32	76,77	87,14	91,18

Fonte: Banco Central.

PRINCIPAIS ÍNDICES				
ATIVIDADE (Acumulado até junho) (base: igual mês ano anterior) (%) – CEARÁ				
	2018	2019	2020	2021
Produção Física Industrial	0,0	2,1	-22,0	26,8
Pesquisa Mensal de Serviços	-9,2	-2,3	-13,4	5,8
Vendas Mensais do Varejo Comum	3,5	-1,1	-16,3	4,9
Vendas Mensais do Varejo Ampliado	4,2	2,9	-15,8	18,3
INFLAÇÃO (Acumulado até julho)				
	2018	2019	2020	2021
IPCA - BRASIL	2,83	2,54	0,90	5,81
IPCA - FORTALEZA	1,79	3,50	1,84	7,21
INPC - BRASIL	2,83	2,55	0,80	5,01
INPC - FORTALEZA	1,96	3,31	1,73	6,20
IGP-M	5,94	4,79	6,71	15,98

Fonte: IBGE e FGV.

MERCADO DE TRABALHO - CEARÁ				
INDICADOR	2018	2019	2020	2021.1
Desocupação (%)	10,1	10,1	14,4	15,1
Nível de ocupação (%)	50,3	50,8	42,8	40,4
População em idade de trabalhar	7.312 (100%)	7.410 (100%)	7.620 (100%)	7.623 (100%)
Força de trabalho (mil)	4.088 (56%)	4.185 (56%)	3.808 (50%)	3.631 (48%)
Ocupada (mil)	3.676	3.762	3.259	3.082
Formal (mil)	1.630	1.702	1.534	1.422
Informal (mil)	2.046	2.060	1.725	1.660
Desocupada (mil)	412	423	549	549
Fora da Força de trabalho (mil)	3.224 (44%)	3.225 (44%)	3.812 (50%)	3.992 (52%)
Desalentados (mil)	328	358	466	466
Rendimento médio real habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas (R\$)	1.525	1.685	1.656	1.766

Fonte: IBGE (PNAD Contínua).

ESTOQUE DE EMPREGO FORMAIS							
REGIÃO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	2021* (Até julho)
Ceará	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704	1.509.818	1.523.809	1.569.938
Nordeste	8.899.279	8.436.203	8.543.651	8.647.237	8.683.272	8.704.355	8.930.303
Brasil	48.060.807	46.060.198	46.281.590	46.631.115	47.554.211	47.630.932	49.479.236

Fonte: RAIS/ME e NOVO CAGED.

* O estoque de empregos 2020: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020.

** O estoque de empregos 2021: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020 e 2021.

Saldo de Empregos Gerados - Acumulado - 2020 - CEARÁ						
	2020			2021		
	Admissões	Desligamentos	Saldo	Admissões	Desligamentos	Saldo
JAN	36.806	34.391	2.415	41.170	33.710	7.460
JAN-FEV	74.862	65.408	9.454	85.446	66.708	18.738
JAN-MAR	108.795	106.877	1.918	120.804	104.395	16.409
JAN-ABR	121.809	155.609	-33.800	151.363	131.936	19.427
JAN-MAI	136.612	181.915	-45.303	183.072	159.599	23.473
JAN-JUN	156.057	204.187	-48.130	221.170	188.461	32.709
JAN-JUL	184.009	226.332	-42.323	264.242	218.113	46.129
JAN-AGO	218.898	249.959	-31.061			
JAN-SET	256.917	275.933	-19.016			
JAN-OUT	300.873	304.085	-3.212			
JAN-NOV	341.536	329.998	11.538			
JAN-DEZ	372.208	358.217	13.991			

Fonte: NOVO CAGED.

ABERTURA/FECHAMENTO DE EMPRESAS NO CEARÁ (ACUMULADO DE JAN – JUL)				
ESPECIFICAÇÕES	2018	2019	2020	2021
Abertura	41.167	49.078	47.641	66.099
Fechamento	60.103	18.328	15.794	21.012
Total	-18.936	30.750	31.847	45.087

Fonte: JUCEC.

PECEM - TOTAL DE MOVIMENTAÇÃO DE CARGA (TONELADAS) (ACUMULADO DE JAN-JUL)				
PERÍODO	2018	2019	2020	2021
	9.996.015	8.914.954	9.215.552	11.659.544

Fonte: CIPP

CONSUMO (MWM) DE ENERGIA (ACUMULADO DE JAN-MAR)			
	2019	2020	2021
Ceará	2.931.400	2.789.513	3.001.983

Fonte: ENEL Ceará/Departamento de Faturamento.